

REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

Edson Celulari em

Dom Quixote de lugar nenhum

O clássico de Cervantes visita o sertão nordestino

Jornal do teatro
Em Cartaz

Charles Möeller
Cininha de Paula

Cláudio Botelho

Du Moscovis

Gilberto Gawronski

João Fonseca

Louise Cardoso

Marcelo Médici

Suely Franco

ANO IX N° 90

EXEMPLAR GRATUITO

O coletivo libertador

“ Minha primeira paixão no teatro foi a atuação, à qual me dediquei durante dez anos, embora mantivesse uma atividade profissional paralela como engenheiro químico. A Engenharia garantia meu sustento. Menino que é bom em Matemática, mas não sabe o que fazer da vida, acaba estudando Engenharia.

Minha formação teatral começou no Centro de Pesquisas Teatrais do Antunes Filho. Foi lá que aprendi **a necessidade da disciplina e que o ator deve saber tudo**. Nos Fodidos Privilegiados, entendi que, em teatro, o grupo é sempre libertador. Estar em uma companhia leva à pesquisa, à troca e à prática do trabalho coletivo. Alguns períodos são de pura absorção, outros de reconhecimento de outras experiências, quando a companhia se recicla. Em nosso caso, temos a vantagem de poder trabalhar fora daquele mesmo núcleo, o que enriquece o conhecimento.

Essa liberalidade, que não existe em todas as companhias, também responde à necessidade de sobrevivência de cada artista. Afinal, a manutenção de um grupo teatral no Brasil é um desafio. Depende-se de patrocínios, de espaços públicos cedidos.

Trabalhar com outras companhias evita que o grupo se mantenha como bolha, que se proteja demais do mundo exterior. A liberdade mesclada ao compromisso com o grupo sempre foi muito estimulante e me permitiu praticar a direção de mais de vinte espetáculos em dez anos. Sem um grupo, sem o Abujamra me **provocando**, dificilmente eu teria ousado dirigir.

Companhia de teatro é isso. Abre caminhos e linguagens com uma ousadia que só se revela porque existe um grupo incentivando as descobertas. ”

João Fonseca, janeiro de 2008



Teste para atores

A comédia de esquetes *Os Exculaxados*, que marca a estréia de quatro artistas – Beto Moreno, Wilson Ferreira, Márcia Baptista e Fernanda Pontes –, vai abrir espaço para novos comediantes. A idéia, do diretor Chico Anysio, que também assina um dos quadros da peça, é descobrir jovens talentos que poderão se apresentar no palco do Teatro Clara Nunes junto com o grupo. Informações: (21) 7851-4832 e www.osculaxados.com.br.

Estabilidade de público

O que vale mais? A estabilidade de um emprego público ou arriscar-se na vida pública? Para os integrantes da Cia de Comédia G7, que freqüentaram cursinhos preparatórios para concursos públicos antes fazerem *Como Passar em Concurso Público*, a incerteza da vida artística vem compensando. Depois de ser vista por mais de 40 mil espectadores em Brasília, a comédia chega ao Teatro dos Quatro, no Rio, e fica até abril.

Hora dos poetas

Os poetas Mário Quintana e Oscar Wilde têm conquistado platéias em peças que misturam tramas às obras que escreveram. Mário Quintana jamais escreveu para teatro, porém teve sua vida mostrada em *O Anjo Malaquias*, há dois meses no Centro Cultural da Justiça. Agora aporta no Teatro Maria Clara Machado *Oscar Wilde me disse*, uma seleção de textos e poesias sobre amor. Para emocionar.

Arte curativa

O trabalho do grupo Doutores da Alegria, que há 16 anos percorre enfermarias de hospitais em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife, resolveu ampliar o seu público. O grupo, formado por atores profissionais, reuniu as experiências colhidas com pacientes infantis para apresentar histórias sobre a importância terapêutica da diversão em *Inventário – Aquilo que Seria Esquecido se a Gente Não Contasse*. Reserve seu ingresso no Teatro Leblon.

Marcelo Médici

Prazer de entrar em cena

É estranho constatar que, este ano, meu espetáculo solo *Cada Um Com Seus Pobrema* completa quatro anos. Acho graça quando as pessoas me perguntam se não canso de fazer o mesmo espetáculo há tanto tempo. Em primeiro lugar, faço teatro por paixão, mas é também a minha profissão.

Muitas vezes, um espetáculo que obtém sucesso de público vira alvo de críticas óbvias e rasteiras, e é tachado de muito comercial... Na minha opinião, o espetáculo que leva o público ao teatro conseguiu se comunicar, e este é o meu objetivo como artista, me comunicar.

O teatro é a arte do vivo! Por mais que um espetáculo fique anos em cartaz, cada dia é um espetáculo, um público, uma energia que só será trocada naquela apresentação. Um espetáculo nunca está pronto, sempre pode ser melhorado. Meu prazer em entrar em cena é tão grande que tento fazer cada dia melhor, me aperfeiçoar sempre.

O teor crítico do meu espetáculo é algo de que muito me orgulho. Fazer rir e pensar é a



Médici: próximo trabalho, *O Mistério de Irma Vap*.

função da comédia. Nada contra um show de humor leve, com piadas jocosas, ou espetáculos que não se utilizam de nenhum tipo de caracterização... Salve a variedade, e viva a liberdade de poder fazer o que se gosta!

Nunca senti a solidão no palco, pois assim que entro em cena estou sempre muito bem acompanhado pelo público. Mesmo estando para fazer *O Mistério de Irmã Vap*, uma proposta que tive de aceitar porque trabalhar com Marília Pêra, Cássio Scapin e Charles Ludlan (autor) é um convite irrecusável, sinto que o *Cada Um* jamais vai acabar. Já tenho até em mente a continuação do espetáculo.

Agora, vou tomar banho e me dirigir ao teatro, pois tenho mais uma sessão.

Nunca fui tão feliz!"

Beatles num céu de diamantes

Novo musical de Charles Möeller e Cláudio Botelho traz as canções que embalaram a década de 60

Por Olga de Mello

Ao escolher o repertório do espetáculo *Beatles num céu de diamantes*, em cartaz no Espaço Sesc, o diretor e roteirista Charles Möeller deparou-se com algumas dificuldades além da procura de canções que seguissem o fio condutor de uma narrativa teatral. Todos os envolvidos na mais nova produção da dupla Möeller e Cláudio Botelho opinavam e defendiam arduamente a inclusão de suas músicas preferidas no programa. “Descobri que lidar com os Beatles é o mesmo que trabalhar com textos religiosos. As polêmicas surgem e geram discussões intermináveis”, conta Charles, que dividiu a autoria do roteiro com Cristiano Gualda, um beatlemaniaco de carteirinha. “Eu havia cortado *All You Need Is Love*, mas tive que incluir na parte final. As músicas dos Beatles são tratadas com a reverência de hinos”, afirma Charles Möeller.

A direção musical ficou a cargo de Cláudio Botelho, bastante isento na definição do repertório: ele jamais escondeu sua preferência pelos cantores norte-americanos, como Frank Sinatra e Sarah Vaughan.

Em ritmo de tango

Beatles num Céu de Diamante surgiu da oportunidade de ocupar o Espaço Sesc por dois meses, um período vago na agenda de Charles e Cláudio entre o fim da temporada carioca de



7 - *O Musical* e a inauguração do Teatro Casa Grande com *A Noviça Rebelde*. “Ficamos tentados em contar uma história de descobertas e amadurecimento a partir do sugerido pela letra de *She’s leaving home*, que nos remete às imagens lísergicas de *Alice no País das Maravilhas*”. Ao contrário de outros compositores que já tiveram sua obra cantada em espetáculos de Möeller e Botelho, os Beatles não fizeram músicas para teatro. “É completamente diferente trabalhar com Cole Porter ou Burt Bacharach, compositores especializados em musicais, ou até mesmo Chico Buarque, que também tem criações teatrais. O musical se faz pela palavra, não com a melodia. Algumas canções dos Beatles contam histórias, mas a maioria fala sobre amor, desejo, sensações e sentimentos. Tivemos, então, que agrupá-las tematicamente”, explica Möeller.

Arriscando-se a provocar a ira dos beatlemaniacos, mas para garantir melhor efeito dramático, os arranjos alteraram os ritmos, transformando algumas canções em tango, em bossa nova, em mambo. “Não queríamos soar como *cover* dos Beatles”, conta Charles.

Tons crus

As 50 canções de *Beatles num Céu de Diamantes* são interpretadas por atores-cantores – basicamente o elenco jovem de 7 - *O Musical* –, acompanhados pela arranjadora Delia Fischer ao piano e o violoncelista Luciano Correia. Não há protagonistas nem destaques no elenco, integrado por Gotscha, Kakau Gomes, Cristiano Gualda, Tatih Köhler, Cristiano Penna, Jonas Hammar, Fabricio Negri, Jules Vandystadt, Raul Veiga, Rodrigo Cirne e Marya Bravo, que se movimentam pela arena do Sesc, onde malas e figurinos em tons castanhos e crus remetem a imagens de fotografias envelhecidas.

Hoje eu me chamo Dinorah



Janete Clair direto da rádio dos anos 50 para o palco.
Laura Cardoso encabeça o elenco

Consagrada pela televisão brasileira como uma das principais autoras de melodramas românticos, Janete Clair sempre abriu espaço para subtramas cômicas nas telenovelas que criou. Um pouco do espírito bem humorado e versátil de Janete chega agora ao Teatro Maison de France com *Hoje eu me chamo Dinorah*, uma simpática comédia romântica escrita especialmente para o rádio na década de 50, em adaptação de Maria Carmem Barbosa e com Laura Cardoso à frente do elenco.

A montagem reúne em teatro artistas

conhecidas pelo trabalho em televisão. Ao lado de Laura Cardoso, no palco estão as atrizes Daniele Valente e Fabiana Karla. Maria Carmem Barbosa conheceu Janete Clair quando fazia coordenação de produção da novela *O Astro*, em 1979. “Era uma pessoa muito agradável, meiga e gentil, além de mestre na composição de enredos”, lembra Maria Carmem, que, em *Dinorah*, reencontra Cininha de Paula. “Temos um histórico juntas iniciado na década de 80. Eu era uma das atrizes do seriado *Delegacia de Mulheres*, que a Maria

Carmem escrevia. Algum tempo depois, dirigi uma novela dela, que sempre faz um humor refinado e inteligente”, conta Cininha de Paula, também admiradora da dramaturgia de Janete Clair.

Homenagem

Outro reencontro emocionante no espetáculo é de Laura Cardoso com Janete Clair. Em 1947, as duas eram atrizes na Rádio Difusora de São Paulo. *Dinorah* mostra a essência de sua autora, uma moça romântica e alegre, diz Laura Cardoso. “Nesta peça tenho a oportunidade de expressar todo o meu carinho por Janete. Fomos amigas na adolescência, companheiras de radioteatro. Ela costumava me escalar para suas novelas, mas sempre havia alguma coisa que me impedia de participar. É uma alegria poder, finalmente, trabalhar um texto de Janete”, afirma a atriz, que enfatiza a importância do rádio na formação dos atores. “É uma verdadeira escola de arte dramática, aprimora a dicção e ensina a descrever as ações apenas pelas nuances de voz. Esses recursos, nós utilizamos atualmente em televisão, teatro e cinema”, diz Laura.

O texto original foi desenvolvido para chegar ao tempo de duração de uma peça teatral. “Uma peça de rádio é curta, enxuta, muito descritiva. O autor de radioteatro lança mão de artifícios que prendem o ouvinte, com suspense constante, as soluções têm que acontecer rapidamente. No teatro, a imagem está em cena e a ação pode transcorrer mais lentamente”, explica Maria Carmem.

A farsa

A voz, o fio condutor das emoções radiofônicas, é elemento essencial na trama da peça, ambientada nos anos 60 nesta adaptação. Como a estrutura original trazia personagens que não se conheciam pessoalmente, Maria Carmem Barbosa preferiu estabelecer a ação em uma época sem as facilidades da Internet ao alcance de todos. Nívia Helen é Dinorah, gerente de loja que sempre conversa ao telefone com Gilberto, um colega de outra cidade. Quando Dinorah viaja, sua empregada, Cilene (Daniele Valente), se passa pela patroa para Gilberto, que aparece na casa da colega. Apesar de receber apoio da amiga Marta (Fabiana Karla), Cilene consegue manter a farsa por pouco tempo. Laura Cardoso interpreta a mãe de Dinorah, uma senhora com idéias mais modernas do que a filha.



Mãe Coragem e seus filhos

Louise Cardoso em um clássico atemporal e sem fronteiras

Por Olga de Mello

Anna Fierling, a protagonista criada por Bertold Brecht em *Mãe Coragem e seus filhos*, viaja por uma Alemanha devastada pela Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), mas é um personagem que podemos encontrar no mundo contemporâneo e no Brasil. Assim pensa Louise Cardoso, que comemora o trigésimo aniversário de sua carreira vivendo Anna no Teatro 1 do Centro Cultural Banco do Brasil. “A mulher brasileira tem que ser mãe coragem; mulherzinha não sobrevive na nossa guerra cotidiana”, diz a atriz, que mergulhou no papel em ensaios diários, durante quatro meses, na Fundação Progresso, junto com o Armazém Companhia de Teatro.

Tirando a poeira

A preparação para interpretar Anna Fierling é anterior a esse encontro com o Armazém, que, segundo Louise





Inovação

Fundada em Londrina em 1987, e com sede no Rio há quase dez anos, a Armazém Companhia de Teatro construiu uma dramaturgia própria, com ênfase na vitalidade corporal marcada por elementos acrobáticos e pelo exercício da improvisação baseada em temas e indicações técnicas utilizados como pontos de referências pelos atores.

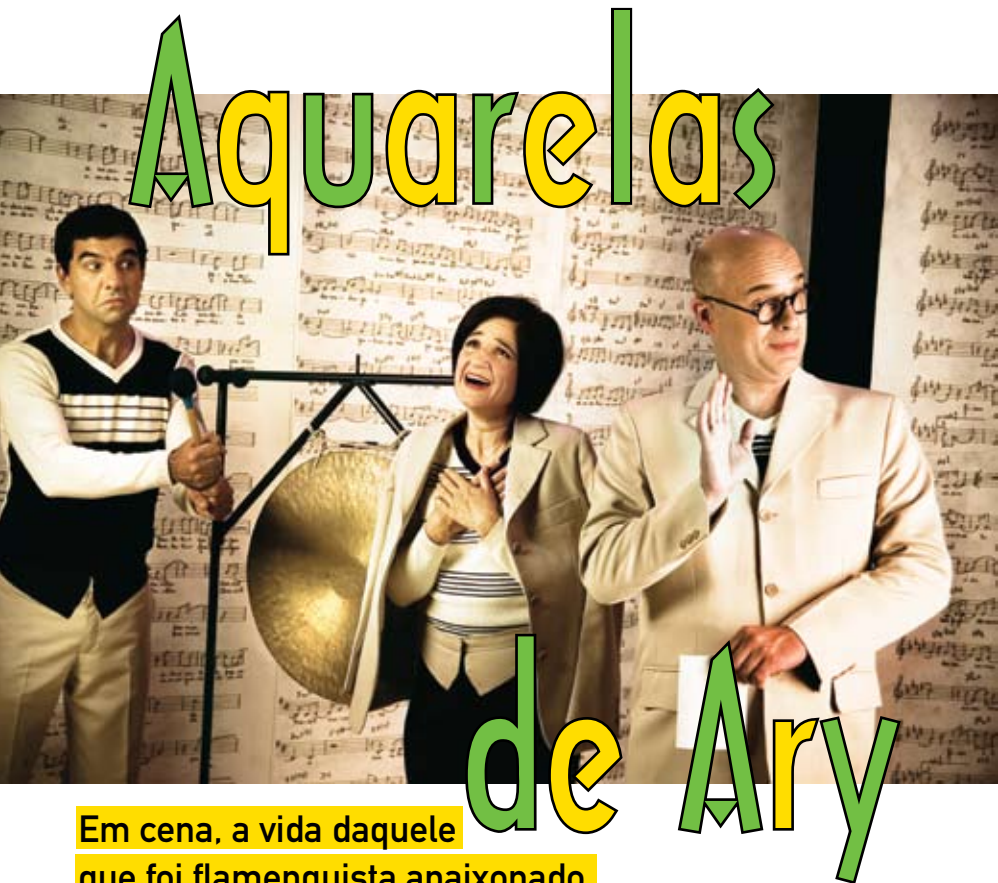
Reconhecida pela inovação em suas montagens de peças baseadas em Will Eisner (*Pessoas invisíveis*), Samuel Beckett (*Esperando Godot*), Lewis Carroll (*Alice através do espelho*) e Nelson Rodrigues (*Toda nudez será castigada*), este é o primeiro Brecht que a companhia encena, e conta com parceiros habituais como Maneco Quinderé (iluminação) e Rita Murtinho (figurinos).

>> Cardoso, lhe deu o suporte necessário para a montagem de uma peça com tamanha complexidade. “Minha vontade de trabalhar com o Armazém é de quando assisti a *Alice através do Espelho*, em 1998, e me encantei com a criatividade e a vitalidade. Convidei o Paulo de Moraes para dirigir a peça e me integrei ao elenco por saber que eles poderiam me ajudar a fazer um Brecht sem a poeira que tradicionalmente acompanha as montagens dos clássicos”, conta Louise.

Para realizar o sonho de transformar-se em Anna Fierling, Louise Cardoso teve que aguardar dois amadurecimentos: o pessoal e o profissional: “Tudo em Brecht é muito intenso. Ele fala de emoções e situações que ultrapassam as barreiras do tempo e as fronteiras entre as nações. A força dessa mulher, esteio de uma família em tempos difíceis, busquei em outras mulheres que freqüentam o noticiário, como essas mães que perdem seus filhos mortos por balas perdidas nas grandes cidades brasileiras”, revela Louise.

Desafio constante

Exilado na Escandinávia, Brecht escreveu *Mãe Coragem* em 1939, no início da Segunda Guerra Mundial. A trajetória de Anna, mãe de três filhos, que vende mercadorias para soldados durante uma guerra que arruinou a Alemanha, trata dos conflitos que surgem em épocas de confronto e de preconceitos. A luta de Anna para sustentar e manter a família unida, apesar das mudanças que a guerra traz, é contada em doze quadros, cada um representando épocas distintas. “São duas horas de espetáculo, um texto muito emocionante que traz, a cada dia, um novo desafio. Apesar das alterações na personagem, que é contraditória, sofrida, batalhadora, esta foi a estréia em que me senti mais tranqüila, coração batendo normalmente. Tive o conforto de contar com um grupo muito sério e afinado ao meu lado”, diz Louise, uma admiradora do autor, o primeiro que encenou no Tablado, ainda como amadora. Em 1977, ela participou da peça *Beco de Brecht*, no Teatro Opinião.



Em cena, a vida daquele que foi flamenguista apaixonado, cronista, muitas vezes mal-humorado e compositor brilhante

Um dos mais talentosos e respeitados compositores brasileiros, Ary Barroso era tão versátil como artista que não abandonava a representação sequer quando encarnava um personagem ranzinza, sempre que apresentava seu programa de calouros ou narrava jogos de futebol. “Ele tinha acessos de mau humor, sim, mas gostava mesmo era de brincar com a polêmica que causava.

A coisa só ficava séria quando o Flamengo perdia”, brinca Marcos França, ator e autor do projeto de pesquisas que levou a *Aquarelas de Ary*, que ocupa o Espaço Cultural dos Correios até fevereiro. A peça encerra a trilogia sobre a época áurea da boemia carioca, produzida por França, que também idealizou espetáculos sobre os músicos e jornalistas Antônio Maria e Mário Lago.

“Sinto saudades de um Rio que não conheci e daquela boemia romântica, politizada, muito ativa, da Era do Rádio, quando o mundo era mais ingênuo e a produção cultural tinha alta qualidade”, conta Marcos França, que mantém a parceria das montagens anteriores, contracenando com Cláudia Ventura e Alexandre Dantas, sob direção de Joana Lebreiro. “Antonio Maria, Mário Lago e Ary Barroso viveram muito intensamente aquela época, contribuindo não apenas para a música, mas para a efervescência cultural do País. Ary foi um embaixador informal do Brasil, alcançando imensa popularidade nos Estados Unidos por causa de sua música. Ele era tão respeitado que chegou a existir um movimento para transformar *Aquarela do Brasil* em Hino Nacional. O entusiasmo e a paixão que ele nutria pelo Brasil não se encontram mais hoje em dia”, diz Marcos.

Versatilidade

Radialista com uma maneira muito peculiar de narrar jogos de futebol – demonstrando claramente sua irritação quando o Flamengo perdia –, Ary Barroso elegeu-se vereador e trabalhou muito pela construção do Maracanã. Entre 1929 e 1960, compôs canções para mais de 60 peças musicais. Autor de diversos clássicos da música brasileira, chegou a receber uma indicação para o Oscar de melhor canção em 1945, pelo samba *Rio de Janeiro* – que abre o espetáculo –, e tornou-se o compositor mais conhecido no Brasil e no exterior. “Ele jogava nas onze posições: escrevia crônicas e músicas para teatro de revista ou musicais de Carlos Machado, trabalhava ator, compunha

sambas, descobria cantoras como a Elza Soares, em seu programa de calouros no rádio, comentava futebol”, diz Marcos. “O espetáculo quer mostrar todas essas facetas do Ary, o que ele fez além da música e quanto, apesar do temperamento forte, ele foi amado pelos brasileiros.”

Um dos mais emocionantes momentos do espetáculo é o que conta a morte de Ary Barroso, na noite de domingo de Carnaval, em 1964, minutos antes que a escola de samba Império Serrano entrasse na Avenida Rio Branco para desfilar o enredo *Aquarela Brasileira*, em sua homenagem. No dia seguinte, os passistas da Império foram ao velório direto da Avenida, ainda fantasiados. Uma bela homenagem que nem Ary Barroso poderia ter imaginado.

Amor e crítica social

Das 25 músicas que compõem *Aquarelas de Ary*, apenas três são pouco conhecidas, entre elas a que ele dedicou a Ubá, sua cidade natal, por pressão dos conterrâneos mineiros. A exaltação do Brasil, o amor, as marchinhas brejeiras e a crítica social estão no espetáculo que mostra por que Ary Barroso consagrou-se como um dos maiores talentos da música brasileira. O público certamente sairá cantarolando *Aquarela do Brasil*, mas ao longo do espetáculo poderá conferir a versatilidade de Ary em *Maria, Camisa Amarela, Folha Morta, Faceira, Como “Vais” Você?, Na Baixa do Sapateiro, No Rancho Fundo, Risque, É Luxo Só, No Tabuleiro da Baiana e Pra Machucar Meu Coração*.

Dom Quixote de lugar nenhum

Pioneirismo

“Eu conhecia a história como todo mundo, de ouvir contar, de ter lido alguma versão, por ter assistido ao musical *O Homem de la Mancha*. Quando me detive para ler o texto original, imediatamente quis buscar uma nova versão da história. Agora, que se comemoram os 400 anos de lançamento deste romance que inicia a literatura ocidental moderna, senti que era o momento de subir ao palco”, conta Edson Celulari.

A primeira versão que Ruy Guerra apresentou do texto deixaria a peça com mais de quatro horas de duração, mesclando a estética quinhentista com referências à literatura de cordel. “O Ruy é um poeta, concebeu o espetáculo como um musical, mas limitamos as

músicas a apenas três. Ele acabou aprovando os cortes que deixaram o espetáculo mais enxuto, com um pouco menos de duas horas. O resultado ficou maravilhoso. O público ri e se emociona com esse Dom Quixote ao mesmo tempo brasileiro e universal”, diz Ernesto Piccolo.

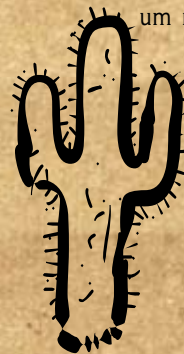
À procura de justiça

Pela peculiaridade física do personagem, para interpretá-lo Edson Celulari abandonou os exercícios físicos e emagreceu sete quilos. “Estamos acostumados a associar o personagem a um idoso magrinho, doente. No entanto, a figura senil e depauperada de Quixote esconde um homem vigoroso em suas determinações e decisões”. >>

Da Espanha para o Nordeste, a eterna luta pelo sonho

Por Olga de Mello

O sonho de Dom Quixote é o que move todos os homens perante as dificuldades da vida, diz o ator Edson Celulari, que está à frente da produção de *Dom Quixote de Lugar Nenhum*, a livre adaptação que Ruy Guerra fez da obra de Miguel de Cervantes, em cartaz no Teatro Villa-Lobos. “Quixote pode andar por qualquer canto do planeta, mas o Ruy promoveu um abrasileiramento dele, levando suas aventuras para o sertão nordestino”, conta Celulari, que acalentava o projeto de montar a peça quando ganhou o livro da mãe de seu amigo, o ator Ernesto Piccolo, que assina a direção do espetáculo.



“A FIGURA SENIL E DEPAUPERADA DE QUIXOTE ESCONDE UM HOMEM VIGOROSO EM SUAS DETERMINAÇÕES E DECISÕES”, EDSON CELULARI



Dom Quixote, na opinião do ator, é um homem anacrônico, ultrapassado em seu próprio tempo, que acredita na utopia e que está completamente distante da realidade, enquanto cavalga atrás de justiça e do amor.

Para melhor integrar Dom Quixote à cultura brasileira, o personagem teve seu nome trocado para Queixada, enquanto o cavalo Rocinante passou a ser chamado de Rocin. No novo ambiente, o cavaleiro quer matar um dragão, encontrar sua amada Dulcinéia e lutar pela justiça. “As metas de Queixada são as mesmas estabelecidas por Cervantes. Este homem pode ser encontrado nos dias de hoje, quando os valores se modificam rapidamente. No fim, resta o sonho, a única forma que ele tem para sobreviver ao massacre diário da realidade”, diz Edson Celulari.



**“O SONHO É A ÚNICA
FORMA QUE DOM
QUIXOTE TEM PARA
SOBREVIVER AO
MASSACRE DIÁRIO
DA REALIDADE”,
EDSON CELULARI**



Sonho e realidade

A primeira edição de *El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha* foi publicada na Espanha em 1605. A segunda parte da obra só chegou a público dez anos depois. Embora Dom Quixote, Sancho Pança, Dulcinéia e o cavalo Rocinante rapidamente conquistassem popularidade, as quase mil páginas com as aventuras de Dom Quixote não tiveram repercussão entre os amantes da literatura da época. Mas o velho cavaleiro ensandecido, apaixonado pela cultura da cavalaria e à procura do amor ideal, com o tempo tornou-se mais do que um símbolo da imaginação e grandeza humana. Os especialistas passaram a reconhecer em Cervantes o criador do estilo de romance moderno, trazendo diferentes pontos de vistas a respeito da ação narrada e criando um estudo profundo sobre os sonhos do homem em confronto com a realidade, representada pelo fiel escudeiro Sancho Pança.

NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Gota D'Água

A música de Chico Buarque, a adaptação de Paulo Pontes e um elenco afinadíssimo tornam este espetáculo imperdível. Vale destacar ainda a primorosa interpretação de Izabela Bicalho como Joana.

Cacau Mello, atriz

Vai tomar no...

Cris Nicolotti, sob direção de Fafy Siqueira, é uma surpresa no humor! Um espetáculo para rir muito e sair de alma lavada.

Cacau Hygino, ator



A mulher que escreveu a Bíblia

Inêz Vianna está soberba. Uma peça com humor inteligente e uma ótima direção de Guilherme Piva, que faz sua estréia como diretor.

Rosamaria Murtinho, atriz

Hoje eu me chamo Dinorah

Nesta excelente comédia, com ótimos atores, merece destaque a atriz Fabiana Karla, que rouba a cena.

Nilson Raman, produtor



ALARME FALSO

Comédia. Policial investiga o assassinato de Dona Divina, moradora do sétimo andar de um prédio de classe média. Texto e direção: Marcelo Saback. Com Eri Johnson, Flávio Migliaccio, Juliana Knust e Alberto Bardawil. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R\$ 50 (qui., sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.).

ANJO MALAQUIAS

A vida do poeta Mário Quintana através de seus poemas e cartas. Texto: Mário Quintana. Roteiro: Elói Calage e Afonso Drummond. Direção de Delson Antunes. Com Afonso Drummond e Fabrício Polido. **Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro) Fone: 3212-2550. Quinta a Domingo às 19h, R\$ 20.

AQUARELAS DE ARY

Musical lembra a carreira de Ary Barroso. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Marcos França, Alexandra Dantas e Cláudia Ventura. **Centro Cultural dos Correios** (R. Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 2253-1580. Quarta a domingo, 19h, R\$ 20.

O BAILE

A música e a vida no Brasil dos anos 50 a 80. O roteiro original de Jean-

Claude Penchenat foi adaptado por Valderéz Cardoso Gomes. Direção: José Possi Neto. Com Cláudio Tovar, Tássia Camargo, Luciano Quirino, Sandra Pêra. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2221-0305. Quinta a sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb. e dom.). Até 30 de março.

BEATLES NUM CÉU DE DIAMANTES

A dupla Charles Möeller e Cláudio Botelho faz uma releitura das músicas dos Beatles, contando a trajetória de uma jovem da adolescência à vida adulta. Texto: Charles Möeller e Cristiano Gualda. Direção: Charles Möeller. Direção Musical: Cláudio Botelho. Com Gottsha, Kacau Gomes, Marya Bravo. **Espaço Sesc** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana) Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R\$ 16. Até 24 de fevereiro.

O BEM-AMADO

O prefeito Odorico Paraguaçu quer inaugurar o cemitério de Sucupira, a maior obra de sua gestão, mas ninguém morre na cidade. Texto: Dias Gomes, com adaptação de Cláudio Paiva e Guel Arraes. Direção: Enrique Diaz. Com Marco Nanini. **Teatro das Artes** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 70 (qui. e sex.) e R\$ 80 (sáb. e dom.).

BOOM

Jorge Fernando faz um cientista esotérico com poderes paranormais. Texto: Luís Carlos Góes. Direção: Marcus Alvisi. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555, loja 116/117, Barra da Tijuca) Fone: 3325-1645. Sexta e sábado: 21h. Domingo, 20h30. R\$ 50 (sex. e sab.) e R\$ 40 (dom.).

CADA UM COM SEUS POBREMA

Comédia de esquetes escrita por Marcelo Médici, que interpreta nove personagens. Direção: Ricardo Rathsan. **Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, loja 104), Fone: 2274-3536. De quinta a sábado, 21:30. Domingo, 20h30. R\$ 50 (qui. e sex.), R\$ 60 (sáb. e dom.).

AS CENTENÁRIAS

Duas carpeideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do Nordeste, entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.). R\$ 70 (sáb.).

DEFLORA-TE

Uma experiência sensorial para o público, que acompanha parte do

espetáculo de olhos vendados. Baseado em Jean Genet, criação da Cia de Atores Duplo. **Casa da Glória** (Ladeira da Glória, 98, Glória). Fone: 2245-4228. Quinta, 21h. Sexta e Sábado, 23h. R\$ 30.

DOIS PARA VIAGEM

Um feitiço prende no tempo dois atores que tentam apresentar uma comédia ao público. Texto: Miguel Thiré, Mateus Solano e Jô Bilac. Direção: Jô Bilac. Com Miguel Thiré e Mateus Solano. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R\$ 25.

DOM QUIXOTE DE LUGAR NENHUM

Nesta adaptação do clássico de Cervantes, assinada por Ruy Guerra, Dom Quixote vive suas aventuras no Nordeste brasileiro. Direção: Ernesto Piccolo. Com Edson Celulari, Lourival Prudêncio, Fabiana Pirro. **Teatro Villalobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (sex.) e R\$ 40 (dom.).

ENSAIOS DE MULHERES

Os bastidores de uma decadente orquestra feminina. Texto: Jean Anouilh. Direção: Daniel Herz. Com Anderson Mello, Charles Fricks, Felipe Mônaco. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.332, Norte Shopping, Cachambi). Fone: 2595-8245. Quinta

a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui., sex., dom.) e R\$ 35 (sáb.)

ENTROPIA

Uma reflexão sobre a possibilidade de se criar uma sociedade ideal, conciliando interesses individuais e coletivos. Texto: Rodrigo Nogueira. Direção: Marcelo Mello. Com Alexandre Braga, Liliane Rovaris, Luciana Gaffrée. **Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2007. Quarta a domingo, R\$10. Até 16 de março.

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

Edwin Luisi interpreta o travesti Charlotte Von Mahlsdorf, que nasceu e viveu na Alemanha oriental durante os regimes de repressão, montando e preservando um museu e um cabaré clandestino em seu porão. De Dough Wright. Direção: Herson Capri e Susana Garcia. **Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26). Fone: 2274-3536. Sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R\$50 (sex. e dom.) e R\$60 (sab.).

AS ERUDITAS

Dois jovens enfrentam as dificuldades de um casamento arranjado. Texto: Molière. Direção: José Henrique Moreira. Com Jacqueline Laurence, Gláucia Rodrigues, Nildo Parente e a Cia Limite 151. **Teatro do Sesi** (Avenida Graça Aranha, 1, Centro) Fone: 2563-4455.

Quinta e sexta, 19h. Sábados e domingos, 19h30. R\$ 40.

A FALECIDA

O universo do subúrbio carioca e os tipos criados por Nelson Rodrigues ganham destaque na história de Zulmira, uma tuberculosa que planeja seu funeral nos mínimos detalhes. Direção: João Fonseca. Com Rafaela Amado e Guilherme Piva. **Teatro Nelson Rodrigues** (Av. República do Chile, 230, Centro). Fone: 2262-5483. Quinta a domingo, 20h. R\$ 15.

FARSA

Coletânea de peças cômicas e curtas de Cervantes, Tchecov, Molière e Martins Pena. Direção de Luiz Arthur Nunes. Com Marcos Breda, Bianca Byington, Cláudia Ohana, Luciana Braga, Mário Borges e Sérgio Marone. **Teatro Sesc Ginástico** (Avenida Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h. R\$ 25.

GOTA D'ÁGUA

A tragédia clássica de Medéia, transportada para a realidade de um conjunto habitacional carioca por Paulo Pontes e Chico Buarque. Direção: João Fonseca. Com Izabella Bicalho, Thelmo Fernandes. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo. 19h. R\$ 25.

HOJE EU ME CHAMO DINORAH

Maria Carmem Barbosa adaptou a comédia de Janete Clair sobre uma empregada que toma o lugar da patroa que viajou. Direção: Cininha de Paula. Com Laura Cardoso, Fabiana Karla e Daniele Valente, entre outros. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2544-2533. Sexta, 20h. Sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 50 (sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.).

A MANDRÁGORA

A atriz Suely Franco é a convidada do Grupo Tapa nesta montagem da comédia clássica de Maquiavel, que traça um retrato ferino sobre a corrupção da sociedade. Direção de Eduardo Tolentino. **Caixa Cultural** (Av. Almirante Barroso, 25, Centro). Fone: 2544-4080. Quinta a domingo, 19h30. R\$ 15.

MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS

Louise Cardoso é Anna, uma mulher que sustenta sua família durante a guerra. Texto: Bertold Brecht. Direção: Paulo de Moraes. Com Armazém Cia de Teatro. **Teatro 1 do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2007. Quarta a domingo, 19h30. R\$ 10.

O MÉTODO GRÖNHOLM

Fechados em uma sala, candidatos para um alto cargo numa multinacio-

nal se enfrentam para descobrir quem é o agente da empresa infiltrado entre eles. Texto: Jordi Calceran. Direção: Luiz Antonio Pilar. Com Lazáro Ramos, Ailton Graça (alternando), Suzy Rego, Ângelo Paes Leme e Edmilson Barros. Direção: Luiz Antonio Pilar. **Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 50 (qui.). R\$ 60 (sex. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

A MULHER QUE ESCREVEU A BÍBLIA

Thereza Falcão adaptou o romance de Moacyr Scliar sobre a mulher que, no século X antes de Cristo, foi uma das 700 esposas do Rei Salomão. Direção: Guilherme Piva. Com Inês Viana. **Teatro dos Quatro** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2264-9895. Terça e quarta, 19h30. Quinta, 17h. R\$ 40 (ter. e qua.) e R\$ 20 (dom.). Até 28 de fevereiro.

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Texto e interpretação de Paulo Gustavo. Uma mulher aposentada e sozinha procura o que fazer, já que seus filhos logo não necessitarão mais de seus cuidados. Direção: João Fonseca. **Teatro dos Quatro** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 50. Até 27 de janeiro.



NÃO SOU FELIZ, MAS TENHO MARIDO

Amarguras conjugais narradas com humor e vivacidade. Texto: Viviana Gómez Thorpe. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. **Teatro Clara Nunes** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 55 (sex. e dom.) e R\$ 60 (sáb.).

POR UMA VIDA UM POUCO MENOS ORDINÁRIA

O consumo de drogas e a violência acompanham três amigos de infância. Texto: Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Gilberto Gawronski. Com Du Moscovis, Liliana Castro e Joelson Medeiros. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone 2247-6946. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 20,00 (qui.) e R\$ 30,00 (sex. a dom.).

SEMPRE TE VI NUNCA TE AMEI

Comédia de Marcelo Caridade. Um jovem ator não sabe que a vizinha, com quem vive às turras, é uma conceituada crítica de TV que o elogiou. Direção: Anja Bittencourt. Com Carlos Alexandre e Hellen Suque. **Teatro Vanucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 22h. R\$ 30 (sex.) e R\$ 35 (sab. e dom.).

TERAPIA DO RISO

Espectáculo mostra o primeiro dia de terapia de um grupo de personagens surtados. Texto e atuação: Carlos Alexandre, Hellen Suque e Israel Linhares. Direção: Anja Bittencourt. **Teatro Vanucci** (R. Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2239-8545. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui. e sex.) e R\$ 50 (sáb. e dom.).

A VIDA É UMA ÓPERA

Mulheres fechadas dentro de uma biblioteca pública desativada tentam resgatar seus sonhos. Texto: Jandira Martine. Direção: Dudu Sandroni. Com Maria Pompeu, Manuella Machado e Theresa Amayo. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 2547-7003. Sexta, 19h. Sábado e domingo, 20h. R\$ 20.

VOCÊ ESTÁ AQUI

As sociopatias contemporâneas em cinco monólogos independentes. Texto e direção de Fernando Ceylão. Com Paulo César Pereio, Gianne Albertoni, Luisa Micheletti. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

Carlota

O restaurante **Carlota** fica em um pequeno espaço no Leblon. Ambiente agradável, comida delicada. Parece um bistrô, excelente para ir num domingo de sol carioca.

As entradas são espetaculares. Peça o mix de rolinhos primavera. O de queijo com aspargos é o melhor de todos...

Como prato principal, uma boa pedida é o ravióli de pato com cogumelos e molho de picadinho. Experimente. Vale a pena...

Se preferir peixe, vá de namorado grelhado com purê de batatas. Garanto que você vai pensar: “eu achava que conhecia purê de batatas, mas não conheço”. É absolutamente especial esse purê numa panelinha Le Creuset à parte. E os camarões também são deliciosos. Assim como as sobremesas. Sufê de goiabada com calda de catupiry é a “jóia da coroa”, mas a *tarte tatin* de damasco e nozes com creme inglês é para profissional...

Rua Dias Ferreira, 64, Leblon.
Fone: 2540-6821



Miam-Miam

Num ambiente anos 50 e onde tudo pode ser vendido – basta você querer comprar – está hoje um dos restaurantes mais descolados do Rio de Janeiro.

Comece pedindo um drinque diferente: caipi miam-miam. A de manjerição com maracujá é tudo. E a de tangerina com gengibre também!

Como entrada, uma boa opção é o creme de cogumelos com lascas de pastel – parece comida de casa de avó! Há ainda os rolinhos de rosbife com parmesão, rúcula e molho chutney, lulas grelhadas com molho pesto, torradas de pão ciabatta... Um show.

Na hora de escolher os pratos principais, que tal a panqueca de frango com queijo emental, aspargos, cogumelos e saladinha verde? O arroz de bacalhau com espinafre e alho assado também é outra pedida certa.

Bom apetite!

Rua General Góes Monteiro,
34, Botafogo.
Fone: 2244-0125



Maquiavel e a luta pelo poder na Itália Renascentista

Por Olga de Mello

Há vinte anos, o Grupo Tapa fez sua primeira montagem de *A Mandrágora*, peça que se tornou recorrente em seu repertório com três montagens distintas. Para o diretor da companhia, Eduardo Tolentino, além de ser a primeira peça a conferir à comédia o mesmo valor que o drama, o texto mostra quanto as idéias de Nicolau Maquiavel estão na formação da sociedade brasileira: “A peça é da mesma época em que o Brasil estava sendo descoberto. O pensamento de Maquiavel se espalhou de tal maneira mundo afora que podemos percebê-lo adaptado a nossos modelos, à instauração de nossas raízes culturais”.

“Podemos perceber as idéias de Maquiavel na instauração das raízes culturais brasileiras”, Eduardo Tolentino

A montagem atual, que o grupo traz para a Caixa Cultural, com Suely Franco como atriz convidada, vem sendo encenada há cinco anos. O espetáculo baseou-se em uma nova leitura da peça, com linguagem mais coloquial, pois, segundo Eduardo Tolentino, todas as traduções mantinham os diálogos em segunda pessoa, soando natural para italianos e até para platéias em Portugal, onde não houve modificação na forma de falar. “No Brasil, não empregamos o ‘tu’ e o ‘vós’. Fica muito artificial, muito acadêmico, tira o teor popular dos personagens, que não são aristocratas, mas pessoas comuns, donos de cartórios, comerciantes, muito

distantes dos nobres de Shakespeare”, diz Tolentino, que fez a tradução diretamente sobre o texto original.

Espírito contemporâneo

Escrita por Nicolau Maquiavel há cerca de 500 anos, *A Mandrágora* – o título se refere a uma planta que teria poderes afrodisíacos – traz uma contundente crítica à Itália de sua época a partir das tentativas de um rapaz para conquistar uma mulher casada que não consegue ter filhos com o marido.

Enquanto na primeira montagem o Tapa procurou dar um cunho renascentista à peça, desta vez o espetáculo reveste-se de uma brutalidade adequada à crueza do espírito contemporâneo, diz Tolentino. “As mulheres de hoje são chamadas de cachorras, as pessoas estão mais descaradas. O dinheiro está

acima de qualquer coisa, de sentimentos, de educação. O humor corrosivo e iconoclasta da peça suscita o que encontramos em nossa volta”.

Consagração

Fundado em 1979, no Rio de Janeiro, o Teatro Amador Produções Artísticas (TAPA) desenvolve um trabalho rigoroso, empenhado na investigação de processos de criação através de pesquisa e análise. Desde 1986 sediado em São Paulo, o grupo já montou cerca de 50 peças de autores brasileiros e estrangeiros, clássicos e contemporâneos, que lhe renderam mais de 60 prêmios, entre eles Molière, Shell e Mambembe.

Por uma vida um pouquinho menos ordinária

Três personagens à procura de esperança



Em frente à Casa de Cultura Laura Alvim, na Praia de Ipanema, diariamente crianças carregam baldes para brincar no mar e na areia. No palco do teatro, castelos de areia e outros baldes, repletos de pó, evocam as brincadeiras infantis como um contraponto lúdico às angústias enfrentadas pelos três personagens de *Por uma Vida um Pouco Menos Ordinária*. A violência urbana, o consumo de drogas e a desilusão de quem chega aos 30 anos sem ter realizado seus

próprios sonhos. “A temática é dura, mas tentamos abordá-la com algum humor, sem melancolia, imprimindo um pouco do saudosismo natural a todos os que amadurecem, que tendem a ver o passado como uma época mais tranqüila e melhor do que a atual”, diz o diretor Gilberto Gawronski, responsável pela cenografia.

O texto de Daniela Pereira de Carvalho traz uma situação de impasse para um casal de irmãos de classe média alta, vividos por

Du Moscovis e Liliana Castro, amigos desde a infância de um policial corrupto interpretado por Joelson Medeiros.

Momento de reflexão

Para Gilberto Gawronski, é inevitável que o público faça um paralelo entre a ação do palco e a praia, o espaço do convívio democrático dos cariocas. “Eu, que sou gaúcho, estranhei muito essa mistura que encontramos no Rio de Janeiro e que está dentro da peça. É muito natural que pobres e ricos criem laços afetivos na praia. Estava acostumado a clubes, onde essa interação não existe. Os personagens da peça têm a naturalidade dessa vivência”, diz o diretor, que não se considera um nostálgico. A amargura do cotidiano mostrado na peça, é para ele um ponto para reflexão: “A realidade é crua, a população mundial tem um crescimento geométrico, mas quem pode dizer que o mundo foi melhor? Hoje, somos mais conscientes, mais compreensivos e mais tolerantes em relação às diferenças. Talvez o grande diferencial seja que antes os interesses financeiros não estavam tão ligados à alma humana”, acredita Gawronski.

O espetáculo traz elementos comuns ao noticiário dos jornais, como a corrupção policial, o tráfico de drogas e as vítimas de balas perdidas. “Tudo isso foi reunido em uma tragédia contemporânea, embora nada seja necessariamente uma novidade. O cuidado de Daniela foi delinear personagens

com profundidade, apegando-se à memória. O policial corrupto quis um dia ser herói. O músico que não tem o menor apreço de continuar tocando em uma orquestra já sentiu paixão por sua arte. Ninguém nasceu daquele jeito, mas foi se tornando assim”, diz Gawronski. “A quebra das utopias, que chega com a maturidade, torna a vida um pouco sombria. A peça fala nesse corte de esperança e também mostra que precisamos tentar entender as circunstâncias antes de decidir pela punição de delitos.” Vale conferir.

Nova geração

Por uma Vida um Pouco Menos Ordinária é o terceiro trabalho de Liliana Castro com Daniela Pereira de Carvalho, que já escreveu peças sobre o roqueiro Renato Russo e o pintor Van Gogh. Em 2006, ela recebeu o Prêmio Embratel como melhor autora de Teatro por *Não Existem Níveis Seguros para o Consumo Dessas Substâncias*. “A Daniela propõe reflexões até dolorosas com sua dramaturgia. Ela tem uma maneira de fazer virem à tona os sentimentos que as pessoas, por vezes, não querem nem reconhecer. Ela é uma das melhores autoras da nova geração”, diz Du Moscovis, que havia trabalhado com Liliana na telenovela *Alma Gêmea*, e com Bruno Gawronski em *Norma*.

CENA ABERTA



O Mambembe, de Arthur Azevedo, 1959. Com Renato Consorte, Sergio Britto e Fernanda Montenegro